

MUDANÇAS NO CENTRO

Engarrafou geral

Sem a Perimetral, cariocas enfrentam forte congestionamento. Prefeitura multa 61 carros



FOTOS DE GABRIEL DE PAIVA

Indo e vindo. Carros parados nos dois lados da Avenida General Justo: lentidão para quem ia na direção do Aterro e para quem se dirigia ao Mergulhão da Praça Quinze

CELIA COSTA
celia@oglobo.com.br
RENATA LEITE
renata.leite@oglobo.com.br

Se na primeira fase da demolição da Perimetral aqueles que iam para o Centro pela Ponte Rio-Niterói e a Avenida Brasil se viram obrigados a mudar de hábito, agora chegou a vez de os moradores da Zona Sul passarem a deixar o carro em casa. No primeiro dia útil com o elevador inteiramente interditado, os motoristas que seguiam para o Centro enfrentaram longos congestionamentos, principalmente no Aterro, na Praia do Flamengo, na Avenida General Justo, no Mergulhão e no Passeio Público. Na última hora, a prefeitura ainda tentou desafogar o tráfego do Mergulhão da Praça Quinze, retirando uma agulha no acesso à Avenida Presidente Vargas. De acordo com o secretário municipal de Transportes, Carlos Roberto Osorio, essa foi uma medida emergencial, que não fazia parte do planejamento. Com isso, os motoristas ganharam mais duas faixas para circular. Ele ainda ressaltou que os moradores da Zona Sul deveriam deixar o carro em casa.

O Mergulhão, cujo fechamento está previsto para o próximo dia 8, tornou-se ontem uma das principais rotas dos motoristas que se dirigiam ao Centro pelo Aterro do Flamengo. Às 7h30m, o congestionamento nesse eixo já se estendia pela via expressa até a altura da Glória. Por volta das 11h, a lentidão se espalhava por diversas outras vias, como a Avenida Presidente Vargas, cuja travessia, desde a prefeitura até a Candelária, levava cerca de meia hora; a Rua da Relação, sentido Castelo; e a Avenida Almirante Barroso, sentido Castelo.

NOS PONTOS DE ÔNIBUS, FALTA DE INFORMAÇÃO

O taxista Armando Pimenta não disfarçou sua decepção ao se deparar com o acesso ao Mergulhão com tráfego muito lento. Ele sabia das interdições e já esperava complicações:

— Está bem pior do que o habitual. Hoje (ontem) vai ser difícil circular no Centro.

O secretário municipal de Transportes admitiu que o trânsito no Centro estava difícil, como esperado. Segundo o secretário, o impacto do fechamento da Perimetral entre a Avenida General Justo e a Praça Mauá é grande porque não foi aberta uma via alternativa, como na primeira fase. Os maiores problemas, em sua avaliação,



Emergência. Remoção de agulha na saída do Mergulhão

estão sendo enfrentados pelos motoristas que saem da Zona Sul em direção ao Centro:

— Teremos dificuldades ao longo da semana. Pedimos para que quem puder: deixe o carro em casa e utilize o transporte público. Para quem mora na Zona Sul, o metrô é uma boa opção. Ampliamos o número de ônibus do metrô na superfície, que fazem a integração com as áreas que ainda não são atendidas pelo metrô — disse Osorio.

Outro argumento a reforçar essa tese foi a eliminação de mil vagas de estacionamento no Centro. Operação da Secretaria Especial da Ordem Pública (Seop) ontem multou 61 carros e rebocou 35 por estacionamento irregular. Um dos veículos era uma van que fazia serviço de carga e descarga em local impróprio.

Caminhando pela calçada da Avenida General Justo, o arquiteto Alfredo Leal se surpreendeu com o longo congestionamento:

— Essa era uma das poucas pistas que ainda ficavam livres pela manhã aqui na região. Agora está um caos.

Morador da Ilha, Alfredo optou por deixar o carro em casa e usar a barca para chegar ao trabalho, mas critica a qualidade do serviço prestado pela concessionária.

— Eu preciso pegar a barca das 7h para vir ao Centro, porque a embarcação que eles colocam às 8h é velha e leva uma hora para fazer um percurso que poderia ser vencido em meia hora. Só começo a trabalhar às 9h. Acabo chegando cedo. Se o servi-

ço melhorasse, tenho certeza de que muitos moradores da Ilha poderiam deixar o carro em casa e atender ao pedido do prefeito — disse Alfredo.

O local mais impactado pelas alterações viárias foi a Lapa. Além dos motoristas, os pedestres tiveram de redobrar a atenção por causa da mudança de mão em diversas vias. Na Rua do Passeio, para onde os ônibus foram desviados, os passageiros reclamavam da confusão. Em um ponto criado na via, as pessoas diziam faltar informação sobre as linhas paravam ali. A auxiliar administrativa Jéssica Ayache estava perdida. Ela, que mora na Glória, ia para o Rio Comprido e não sabia se o ônibus que precisava pegar parava no novo ponto:

— Falta informação. Eles teriam que colocar os números dos ônibus que param nesse ponto. Ninguém sabe informar o correto.

CET-RIO REFORÇARÁ SINALIZAÇÃO

Às 8h, havia um nó no trânsito das imediações do Passeio Público. Segundo o diretor de Operações da CET-Rio, Joaquim Dinis, um dos motivos para os problemas registrados ontem na Lapa foi a falta de informação de alguns motoristas sobre a inversão de mão da Avenida República do Paraguai. Muitos condutores que se dirigiram à via, que agora tem mão única em direção à Lapa, foram obrigados a seguir para a Rua do Lavradio, o que acabou sobrecarregando a via, com reflexos nas avenidas República do Chile e Almirante Barroso. Dinis afirmou que vai reforçar a sinalização para orientar os motoristas sobre os caminhos alternativos:

— A melhor opção é seguir pela Rua Mestre Valentim, junto ao Passeio Público, para depois chegar à Rua Senador Dantas, e, assim, acessar República do Chile, Evaristo da Veiga e outras ruas.

Na Rua do Passeio, cuja mão foi invertida, o trânsito ficou lento durante toda a manhã por causa do excesso de ônibus desviados para lá. Outro problema foi o afinilamento, de três faixas para apenas uma, quando os motoristas acessavam a Rua Teixeira de Freitas.

Segundo Osorio, ao longo da semana os problemas no trânsito irão diminuir:

— O carioca amanheceu com o Centro da cidade desafiador. Mas, ao longo do tempo, vai se adaptar às mudanças. ●

Opção da prefeitura por ônibus é um erro, afirma economista, na página 10

Clube de Engenharia critica a falta de vias alternativas

Município argumenta que não é possível prosseguir com obras sem a interdição do elevador

SIMONE CANDIDA
simone.candida@oglobo.com.br
FÁBIO TEIXEIRA
granderio@oglobo.com.br

Ao decidir pela interdição do Elevado da Perimetral sem oferecer vias alternativas, a prefeitura teria feito a opção de tornar caótico o trânsito na cidade. A dura avaliação é do engenheiro Luiz Carneiro, diretor do Clube de Engenharia. Ele criticou a operação de demolição da via, que, em sua opinião, tem acontecido de forma precipitada.

— É evidente que qualquer mudança de tráfego sempre causa problema no começo. Lamentamos é que o antigo vice-prefeito, Carlos Alberto Muniz, tenha afirmado numa palestra na sede do Clube, em declaração gravada, que a prefeitura somente iria fazer a demolição da Perimetral depois que todas as vias subterrâneas estivessem prontas — afirmou Carneiro, acrescentando que essa opção causará prejuízos sociais e econômicos à população. — As medidas são açodadas. Está havendo maior gasto de combustível, maior gasto de tempo no trânsito, maior emissão de gases e piora na qualidade de vida do carioca.

Para o diretor do Clube de Engenharia, a cidade não estava preparada para a demolição. Ele lembrou que, em novembro, após o encontro com Muniz, a instituição publicou uma “Carta aberta ao prefeito sobre o Porto Maravilha”, na qual fez críticas à falta de planejamento. Segundo Carneiro, independentemente das críticas urbanísticas, o Clube de Engenharia deixou clara a preocupação com o risco de “sérias complicações na mobilidade urbana da cidade que podem ser ocasionadas pela retirada do Elevado da Perimetral.”

— A demolição foi feita de forma diferente da que foi prometida e divulgada. Com isso, avaliamos que a população foi enganada — afirmou.

O prefeito Eduardo Paes rebateu as críticas. Segundo ele, desde o início se sabia que seria impossível terminar as obras dos túneis com a Perimetral ainda de pé. Paes afirmou que o antigo vice-prefeito estava ciente desse fato.

— Simplesmente não era possível fazer as obras sem o fechamento. Queríamos uma alternativa, mas não foi encontrada. Ninguém aqui está escolhendo a pior opção. Pedi para que amanhã (hoje) os engenheiros responsáveis façam contato com o Clube de Engenharia para que mostrem que não tinha outro jeito.

O prefeito admitiu que o primeiro dia sem a Perimetral foi difícil para os cariocas. Mas fez uma ressalva:

— Foi uma situação ruim, mas não caótica. ●